

Voltemos a Alegrete

O CARA que me contou a história do monumento ao poeta Mário Quintana em sua cidade de Alegrete contou errado. E' verdade que as autoridades locais queriam plantar em uma praça nova da cidade uma pedra tirada da margem do Ibirapuitá, onde seria afixada uma placa de bronze com um poema do Quintana gravado. O poeta não quis; achou uma temeridade gravar em bronze o poema, alegando que «um engano em bronze é um engano eterno».

Mas a homenagem será feita próximamente, com o poeta perfeitamente vivo, e não em seu túmulo. Apenas no lugar do poema irá a sua frase sobre a mentira em bronze, acrescida de uma explicação mais ou menos nos seguintes termos: «palavras com que o poeta se eximiu a que fôsse gravado um poema seu, nesta praça, para perpetuar a sincera homenagem de seus conterrâneos».

Quem me conta isso é o próprio poeta, e aduz: «Convirá que ficará sendo este um monumento único no mundo e que há de perpetuar na certa o nome de Alegrete e a sensível compreensão da presente legislação ante a maneira de ser e de pensar do poeta. Não me furtei, pois, à homenagem em vida, mas procurei apenas evitar a grosseria de a recusar e ao mesmo tempo a minha impossibilidade óbvia de aceitá-la, impasse este, como vistes, ôtimamente solucionado por meus amigos, o presidente da Câmara, Rui B. da Silveira, e o prefeito Adão Houyak, tendo mais o apoio da imprensa de minha terra».

Melhor assim, Mário Quintana; depois que a gente morre pode vir um prefeito contra a poesia, e adeus homenagem. Estou certo que isso não aconteceria em Alegrete, cidade de tradições guerreiras mas generosas, que é ou já foi o município de maior população bovina no Brasil, com mais de 400 mil cabeças, sem falar de 850 mil cabeças ovinas, cidade de arroz e trigo, de Osvaldo Aranha e Barros Cassal, de Freitas Vale e Demétrio Ribeiro, do general David Canabarro e do Barão do Cérro Largo, cidade que me dizem bela e confortável, plantada em suas coxilhas, adiante de Santa Maria, tão perto de Uruguaiana e da Argentina, tão perto de Quaraí e do Uruguai.

A esta altura suponho que o bom Quintana deve estar um pouco assombrado com minha cultura alegretense, ainda mais que sabe que nunca fui lá. Não me custa confessar que tudo hauri na «Enciclopédia dos Municípios Brasileiros», vol. XXXIII, onde apenas me parece um pouco exagerado este quarteto do «Hino à Alegrete» que diz: «na mais famosa epopéia/do hemisfério ocidental/fêz de ti o herói farrapo/legendária capital».

Senhor prefeito Houyak: peça ao lírico e malicioso Quintana para copidescar esses versinhos, pois Alegrete não precisa contar vantagens hemisféricas para ser importante. Bastavam-lhe dois tipos humanos tão ricos e diferentes — e tão humanos — como Osvaldo Aranha e Mário Quintana, para merecer a estima e o respeito de todo o Brasil.

DN - 2. 11. 67

389